

Do jogar ao pensar: uma experiência pedagógica de ensino crítico do futebol na Educação Física escolar

RESUMO

Este trabalho relata uma experiência pedagógica desenvolvida no ensino presencial pós-ERE (2022-2023) em Educação Física Escolar, com turmas do Ensino Médio Integrado. Partindo da contradição entre a popularidade do futebol e o desconhecimento dos alunos sobre suas estruturas básicas, propôs-se uma abordagem crítica que articulou dimensões técnicas, táticas e culturais do esporte. A metodologia combinou progressão didática, experimentação de diferentes posições e resgate de brincadeiras tradicionais. A análise de portfólios revelou três eixos de resultados: 1) desnaturalização do olhar sobre o futebol, com alunos reconhecendo sua complexidade; 2) inclusão através da diversificação de experiências; e 3) valorização do lúdico como ferramenta pedagógica. Conclui-se que a proposta superou visões reducionistas, transformando o futebol em objeto de reflexão crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino do futebol;
Educação física escolar; Teoria crítica

Carlos Augusto Magalhães Júnior

Mestre em Educação
Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais,
Departamento de Formação Geral
Bom Sucesso, MG, Brasil
carlos.junior@ifsudestemg.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-5082-9314>

From playing to thinking: a pedagogical experience of critical soccer teaching in school Physical Education

ABSTRACT

This study reports a pedagogical experience developed during in-person classes post-ERE (2022-2023) in School Physical Education with Integrated High School groups. Addressing the contradiction between soccer's popularity and students' lack of knowledge about its basic structures, we proposed a critical approach integrating technical, tactical, and cultural dimensions of the sport. The methodology combined didactic progression, experimentation with different positions, and revival of traditional games. Portfolio analysis revealed three key results: 1) demystification of soccer's apparent simplicity, with students recognizing its complexity; 2) inclusion through diversified experiences; and 3) appreciation of playfulness as a pedagogical tool. The study concludes that this approach overcame reductionist views, transforming soccer into an object of critical reflection

KEYWORDS: Soccer teaching; School physical education; Critical theory

Del jugar al pensar: una experiencia pedagógica de enseñanza crítica del fútbol en la Educación Física escolar

RESUMEN

Este trabajo relata una experiencia pedagógica desarrollada en clases presenciales pos-ERE (2022-2023) en Educación Física escolar con grupos de Enseñanza Media Integrada. Partiendo de la contradicción entre la popularidad del fútbol y el desconocimiento estudiantil sobre sus estructuras básicas, se propuso un enfoque crítico integrando dimensiones técnicas, tácticas y culturales del deporte. La metodología combinó progresión didáctica, experimentación con diferentes posiciones y rescate de juegos tradicionales. El análisis de portafolios reveló tres ejes de resultados: 1) desnaturalización de la mirada sobre el fútbol, reconociendo su complejidad; 2) inclusión mediante experiencias diversificadas; y 3) valorización de lo lúdico como herramienta pedagógica. Se concluye que la propuesta superó visiones reduccionistas, transformando el fútbol en objeto de reflexión crítica

PALABRAS-CLAVE: Enseñanza del fútbol; Educación física escolar; Teoría crítica

INTRODUÇÃO

Dentre os diversos conteúdos potenciais da Educação Física Escolar (EFE), o esporte se consolida como eixo estruturante do currículo, embora permaneça como campo de intensos debates epistemológicos e pedagógicos. Nesse cenário, o futebol emerge como fenômeno paradoxal: enquanto esporte hegemônico globalizado, sua abordagem escolar frequentemente reduz-se a uma "monocultura pedagógica" (Bracht, 1999), limitando-se muitas vezes à repetição técnica ou à mera recreação, especialmente em sua variação do futsal.

Essa simplificação, como alerta Daolio (2004), ignora o potencial do futebol como "janela antropológica" para discutir questões complexas - desde relações de gênero até economia política do esporte. O desafio colocado por autores como Rezer (2009) não é abandonar o futebol no currículo, mas subvertê-lo: transformá-lo em objeto de decodificação crítica, seguindo os princípios da Cultura Corporal, alinhada à corrente pedagógica sociocrítica (LIBÂNEO, 2010) proposta pelo Coletivo de Autores (1992). A tensão entre sua onipresença social e sua abordagem reducionista na escola revela o cerne do problema: como transformar o "futebol-espetáculo" em "futebol-conhecimento", sem cair nem na demonização nem na reprodução acrítica de seus valores. Acredita-se que, ao buscar essa transformação, estejamos caminhando no sentido de superação de uma racionalidade instrumental (HORKHEIMER, 1987) e avançando para uma visão crítica para com o futebol.

A discussão sobre a pedagogização do futebol no ambiente escolar tem gerado significativa produção acadêmica nas últimas décadas. Dentre essas contribuições, cito minha própria investigação, publicada nos *Cadernos de Formação RBCE* sob o título "*Por uma leitura crítica de imagens: trabalhando os 'futebóis' de forma remota*" (2023). Este estudo, que serve como referencial fundamental para a presente proposta, documenta uma experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do Ensino Médio Integrado durante o período do Ensino Remoto Emergencial (ERE). A citação deste estudo tem como intuito marcar um ponto de partida do presente trabalho, tendo em vista que o desenvolvimento dessa unidade didática e das reflexões referentes a ele nascem das experiências do trabalho anterior.

Ancorado nos pressupostos da Teoria Crítica da Sociedade - particularmente nas obras de Adorno (2010) sobre semiformação, Horkheimer (1987) acerca da razão instrumental, e Türcke (2010) no que concerne aos choques sensoriais na era digital -, o trabalho demonstrou como é possível construir uma abordagem crítica dos "futebois" mesmo em condições adversas. A análise evidenciou três eixos fundamentais:

1. A superação da mera transmissão técnica
2. A desnaturalização dos discursos midiáticos
3. A problematização das relações entre futebol e sociedade

Esses achados, que serão retomados e expandidos na presente pesquisa, revelaram tanto as potencialidades quanto os limites intrínsecos ao trabalho com conteúdos esportivos em contextos de educação não-presencial. Enquanto o estudo remoto logrou sucesso na desnaturalização dos discursos e na análise crítica das imagens, a experiência presencial permitiu superar seu principal limite intrínseco: possibilitou a vivência corporal, a experimentação prática de diferentes posições e a aplicação tática dos conceitos, elementos cruciais para a desnaturalização da prática do futebol em si. Essa transição demonstra como a experiência do ERE ressignificou a unidade didática, influenciando, por exemplo, a mediação tecnológica e a análise crítica das imagens na retomada das atividades presenciais

O ano de 2022 marcou um ponto de inflexão na educação brasileira, com a retomada gradual das atividades presenciais após o ápice da pandemia de COVID-19. Esse processo, viabilizado principalmente pelos avanços na vacinação em massa, embora fortemente desacreditada pelo então presidente Jair Bolsonaro, configurou-se como um complexo período de transição pedagógica. No IFMG Campus Formiga - instituição que serve como lócus desta investigação -, o retorno ao presencial ocorreu no primeiro semestre de 2022, mantendo protocolos sanitários rigorosos que incluíam: (a) exigência de comprovante vacinal para matrícula, (b) uso obrigatório de máscaras N95 em espaços fechados, e (c) sistema híbrido facultativo para estudantes do grupo de risco.

A presente pesquisa, desenvolvida em 2023, focalizou o ensino do futebol como conteúdo obrigatório do segundo ano do Ensino Médio Integrado (IFMG, 2021). A amostra envolveu as turmas de Administração, Eletrotécnica e Informática, as quais, por integrarem cursos técnicos em período integral, tinham as aulas de Educação Física (EF) ministradas no período da tarde. As três turmas contavam com aproximadamente 90 a 105 estudantes no total (cerca de 30 a 35 estudantes em cada turma, com idade predominante entre 16 e 18 anos. É fundamental notar que, conforme as observações e registros em portfólio, o grupo era composto por discentes de ambos os gêneros. Essa escolha amostral apresentou particular relevância metodológica por um aspecto crucial: tratava-se de discentes que haviam vivenciado em 2022 seu primeiro ano letivo integralmente presencial, oferecendo um cenário privilegiado para analisar os desafios pós-pandêmicos no ensino dos esportes. O desenvolvimento da proposta ocorreu durante o segundo trimestre letivo, organizado em:

1. **Ciclo teórico-prático:** 10 semanas com aulas expositivas dialógicas e atividades práticas
2. **Estratégias adaptativas:** Reelaboração de metodologias testadas no ERE para o contexto presencial
3. **Instrumentos avaliativos:** Portfólio reflexivo, observação sistemática e avaliação processual

Como será detalhado adiante, o desenho metodológico desta pesquisa permitiu não apenas mensurar as diferenças entre os modos remoto e presencial, mas principalmente identificar como a experiência do ERE ressignificou o ensino do futebol na retomada das atividades presenciais — particularmente no que concerne à mediação tecnológica e à análise crítica das imagens esportivas. Caracterizado como um relato de experiência de abordagem qualitativa, o trabalho teve como objeto principal de análise as aulas ministradas e as narrativas explicitadas pelos alunos nos portfólios relativos às atividades práticas. Para a interpretação desses portfólios, não foram pré-definidas categorias; pelo contrário, a ideia foi permitir que as categorias emergissem dos relatos, guiando a escrita deste texto. O processo de análise se deu em três etapas: 1) leitura inicial de todos os portfólios para levantamento das questões centrais que mais emergiram; 2) separação e codificação dos trechos relativos às categorias levantadas; e 3) leitura refinada para o diálogo e a interpretação das diferentes perspectivas encontradas.

AS AULAS

O primeiro encontro foi dedicado a uma aula teórica expositiva que buscou introduzir o tema do futebol de maneira abrangente, percorrendo desde as diversas teorias sobre sua origem até seu impacto contemporâneo na sociedade. Através de uma apresentação cuidadosamente elaborada com slides, foram exibidos materiais diversificados incluindo imagens históricas, trechos de vídeos e textos selecionados.

Os principais aspectos abordados durante essa aula incluíram as múltiplas camadas de significado que o futebol assume em diferentes contextos sociais, a complexa relação emocional e identitária dos torcedores com o esporte, e os significativos impactos econômicos gerados pela indústria do futebol. A discussão também explorou como a mídia tradicional e as diversas formas de expressão artística - como cinema, literatura e música - retratam e ressignificam esse fenômeno esportivo, destacando especialmente as contradições e paradoxos que permeiam o universo futebolístico.

Para consolidar o aprendizado e verificar a compreensão dos alunos sobre os temas discutidos, a aula foi concluída com uma atividade de Estudo Dirigido. Nessa tarefa, os estudantes foram convidados a responder questões reflexivas que os levavam a estabelecer conexões entre o conteúdo apresentado e suas próprias experiências e observações sobre o papel do futebol na sociedade contemporânea.

Outro aspecto fundamental trabalhado no primeiro encontro foi a relação dinâmica entre o futebol formal e as diversas manifestações lúdicas que envolvem o manejo da bola com os pés. Essa conexão revela-se especialmente rica quando analisada em seus dois movimentos históricos complementares: de um lado, as antigas brincadeiras populares que gradualmente se transformaram no esporte moderno, como o violento *Calcio Fiorentino* praticado na Renascença italiana, o sagrado *Xikunahaty* dos povos indígenas brasileiros - onde a bola era tocada apenas com a cabeça -, o estratégico *Episkiros* dos gregos antigos, o cerimonial *Cuju* chinês - que servia como treinamento militar -, além dos misteriosos jogos de bola mesoamericanos, carregados de significado ritualístico.

De outro lado, destacamos as inúmeras variações lúdicas que nasceram do próprio futebol e se espalharam pelos terrenos baldios, praças e escolas do Brasil: o bobinho com suas regras flexíveis, a paulistinha com seu jogo rápido de passes curtos, a duplinha com sua ênfase na parceria, o um toque com seu desafio técnico - cada uma dessas brincadeiras preservando, à sua maneira, elementos essenciais do jogo original, como a noção de espaço, o controle da bola e a dinâmica coletiva.

Essa discussão teórica encontrou sua aplicação concreta no segundo encontro, marcando a transição para as atividades práticas. Durante a aula, os alunos experimentaram diversas dessas variações, descobrindo como regras aparentemente simples podem gerar complexas situações de jogo. O portfólio, instrumento avaliativo utilizado ao final de cada sessão prática, revelou-se particularmente valioso nesse momento, permitindo capturar não apenas a execução das atividades, mas sobretudo as reflexões individuais sobre como essas brincadeiras ajudavam a compreender melhor a essência do futebol enquanto fenômeno cultural e corporal. Esse foco na escrita reflexiva permite que a experiência pedagógica seja trabalhada como narrativa, aproximando-se da perspectiva de Walter Benjamin (1985), para quem o ato de narrar é intrinsecamente ligado à recuperação de experiências e memórias.

As duas aulas seguintes mantiveram o caráter prático, focando nos fundamentos básicos do futebol: passe, domínio, condução e finalização. A proposta não se limitou ao ensino técnico tradicional, mas buscou oferecer vivências significativas dos elementos constitutivos do jogo. Um cuidado essencial foi adaptar as atividades aos diferentes níveis de habilidade dos alunos - desde os mais experientes até os iniciantes -, garantindo que todos pudessem participar de forma produtiva e desenvolver suas capacidades dentro de suas possibilidades individuais.

A aula seguinte adotou um caráter teórico, com o objetivo central de introduzir os princípios táticos do futebol. Essa abordagem representou uma significativa mudança em relação a experiências anteriores, quando partíamos do pressuposto que os alunos já dominavam noções básicas como funções posicionais e estruturas táticas elementares. A realidade observada exigiu um recuo pedagógico: a maioria dos estudantes apresentava dificuldades até mesmo com conceitos fundamentais, revelando uma contradição digna de nota.

Essa situação paradoxal manifesta-se em duas dimensões complementares. Primeiramente, chama atenção o fato de que o futebol, enquanto esporte hegemônico e principal produto da Indústria Cultural esportiva, é consumido de forma notavelmente superficial por grande parte de seu público - consumo este que, aparentemente, não se traduz em compreensão mínima de sua estrutura básica. Essa forma de consumo se aproxima daquilo que Adorno (2010) denomina como Semiformação em seu texto, caracterizada como uma maneira supérflua e pontual de lidar com os produtos culturais. Em segundo plano, surge a questão curricular: como alunos com oito anos ou mais de Educação Física escolar - onde o futebol tradicionalmente ocupa espaço privilegiado - podem chegar ao Ensino Médio sem assimilar conhecimentos elementares sobre a organização do jogo?

Diante deste diagnóstico, a aula foi reestruturada em dois momentos fundamentais. Inicialmente, dedicou-se à explicação pormenorizada do sistema posicional no futebol, explorando tanto as funções tradicionais (goleiro, zagueiro, meio-campista, atacante) quanto suas variações contemporâneas (laterais ofensivos, volantes de contenção, falsos nove). Num segundo momento, realizou-se uma análise histórica da evolução tática, estabelecendo conexões entre as transformações no jogo (do WM ao *pressing alto*) e os contextos sociais que as influenciaram. Para consolidar esses conteúdos, aplicou-se ao final um Estudo Dirigido com questões que relacionavam tática futebolística e transformações sociais.

As duas aulas práticas subsequentes foram cuidadosamente estruturadas para transformar em vivência corporal os conceitos táticos discutidos anteriormente. Através de um planejamento que alternava exercícios específicos e situações de jogo adaptadas, os alunos tiveram a oportunidade de experimentar na prática as distintas funções que compõem o sistema posicional do futebol.

Cada atividade foi concebida para enfatizar as responsabilidades características de cada posição: desde a organização defensiva dos zagueiros até os movimentos de criação dos meias, passando pela mobilidade exigida dos atacantes. Os exercícios técnicos, embora focados em fundamentos específicos como passes longos ou contenção defensiva, sempre foram contextualizados dentro das dinâmicas posicionais trabalhadas teoricamente.

Essa articulação entre conhecimento conceitual e prática corporal permitiu aos alunos compreenderem não apenas o "como fazer", mas principalmente o "porquê fazer" de cada ação

técnica. A progressão pedagógica adotada - que ia desde exercícios posicionais isolados até pequenos jogos com ênfase tática - mostrou-se particularmente eficaz para desenvolver nos estudantes uma leitura mais consciente e reflexiva das dinâmicas do jogo.

A aula de avaliação prática foi cuidadosamente estruturada para integrar os conhecimentos teóricos adquiridos com a aplicação concreta em situações reais de jogo. Os alunos, organizados em dois grupos aleatórios, enfrentaram o desafio de montar suas próprias equipes de sete jogadores - formato adaptado às dimensões do espaço disponível. Esse processo de seleção e posicionamento dos atletas revelou-se por si só uma valiosa atividade de aprendizagem, pois cada grupo precisou justificar suas escolhas estratégicas com base nas características técnicas e táticas de cada posição.

Um aspecto inovador dessa avaliação foi a criação de comissões técnicas formadas pelos próprios alunos. Enquanto parte do grupo atuava em campo, esses "técnicos" assumiam responsabilidades complexas: gerenciavam substituições, orientavam os jogadores durante a partida e, principalmente, registravam sistematicamente aspectos táticos relevantes do jogo. Essa dupla perspectiva - de atuar e ao mesmo tempo observar criticamente o desenrolar do jogo - proporcionou uma compreensão mais profunda das dinâmicas futebolísticas.

Após o término da partida, a avaliação continuou com uma sessão de análise conduzida por um questionário estruturado. Os grupos debruçaram-se sobre questões que os levavam a refletir sobre: a coerência entre o planejamento inicial e a execução em campo; a capacidade de leitura e adaptação ao esquema adversário; a eficácia das estratégias empregadas; e os momentos decisivos que determinaram o rumo do jogo. Essa etapa revelou-se crucial para consolidar a transição do conhecimento abstrato para a aplicação prática.

O processo avaliativo considerou de forma equilibrada dois eixos complementares: o desempenho esportivo propriamente dito e a qualidade da análise tática produzida. Essa ponderação intencional privilegiou a compreensão conceitual sobre o mero resultado esportivo, valorizando a capacidade dos alunos de refletirem criticamente sobre suas próprias decisões e estratégias.

Os resultados observados superaram as expectativas iniciais. A alternância de papéis entre jogadores e observadores permitiu que os alunos desenvolvessem uma visão mais abrangente do jogo, enquanto o caráter democrático do processo de tomada de decisão nas equipes favoreceu o engajamento de todos os participantes. A estrutura multidimensional da avaliação mostrou-se particularmente eficaz em capturar diferentes aspectos da aprendizagem, desde a assimilação dos conceitos táticos até a capacidade de trabalhar em equipe e analisar criticamente o próprio desempenho.

Complementando o processo avaliativo, a última aula do trimestre foi dedicada a uma avaliação escrita individual que sintetizou todo o percurso de aprendizagem desenvolvido ao longo

das dez semanas. Realizada no ambiente familiar da sala de aula, esta prova teórica buscou captar de forma integral a compreensão dos alunos sobre os diversos aspectos trabalhados que foram desde as discussões teóricas iniciais sobre a história e sociologia do futebol até as vivências práticas dos fundamentos técnicos e táticos.

A avaliação foi cuidadosamente elaborada para transcender a simples reprodução de conceitos, incentivando os alunos a estabelecerem conexões significativas entre teoria e prática. Através de questões que variavam entre itens objetivos sobre posicionamentos, problematizações sobre o futebol como fenômeno cultural e situações-problema envolvendo tomadas de decisão tática, foi possível avaliar não apenas a assimilação de conteúdos, mas principalmente a capacidade de aplicação crítica desses conhecimentos. Como etapa final de um processo avaliativo multidimensional, a prova escrita cumpriu seu papel de consolidar os aprendizados, oferecendo uma visão complementar às avaliações anteriores.

ALGUMAS NOTAS DOS ALUNOS

As reflexões que se seguem nascem do diálogo entre as observações do docente durante o processo de ensino e os registros escritos pelos alunos em seus portfólios ao final do trimestre. A análise cuidadosa desses materiais, revisitados inúmeras vezes ao longo da escrita deste texto, permitiu identificar padrões significativos nas percepções discentes, que se organizam em três eixos centrais.

O primeiro eixo revela a complexa relação entre o gosto pessoal e a participação nas aulas, mostrando como os alunos negociaram suas preferências individuais com o engajamento nas atividades propostas. O segundo destaca o processo de descoberta de novos conhecimentos, evidenciando como os alunos se surpreenderam ao desvendar a complexidade técnica, tática e cultural do futebol, muitas vezes oculta sob a aparente simplicidade do jogo. O terceiro eixo explora as percepções sobre a metodologia das aulas, enfatizando como a abordagem pedagógica - com sua progressão didática, elementos lúdicos e acolhimento às diferentes habilidades - ressoou no grupo.

Essas categorias, mais do que organizar as falas dos estudantes, oferecem uma janela para compreender como se deu o processo de ensino e aprendizagem, revelando tanto os desafios enfrentados quanto as estratégias que se mostraram mais eficazes para engajar os alunos em uma prática reflexiva do futebol.

Relação entre Gosto Pessoal e Participação

A Educação Física escolar enfrenta um paradoxo estrutural: embora seja componente curricular obrigatório, frequentemente é percebida pelos alunos como mera atividade recreativa, um "intervalo" no cotidiano acadêmico. Essa visão reducionista, enraizada em experiências anteriores fragmentadas e numa cultura escolar que historicamente marginaliza o corpo como espaço de conhecimento, manifesta-se com particular intensidade quando o conteúdo abordado é o futebol.

O futebol, como fenômeno esportivo hegemônico, gera uma polarização peculiar entre os discentes. De um lado, desperta paixões e familiaridade; de outro, provoca resistências justamente por sua ubiquidade social, que frequentemente oculta sua complexidade técnica, tática e cultural. Essa dualidade fica evidente nas falas dos alunos, que revelam um tensionamento entre rejeição pessoal e engajamento pedagógico.

Quando os estudantes afirmam "*Não gosto de futebol e sou péssima no esporte*" (Aluna 11) ou "*Esse tipo de esporte não me chama atenção*" (Aluna 23), estão expressando mais do que preferências individuais - ecoam uma concepção limitada da Educação Física como espaço de confirmação de aptidões naturais, em vez de campo para sua ampliação. No entanto, a análise atenta desses mesmos depoimentos revela fissuras nessa percepção.

A fala "*Não gosto de futebol, mas participei de todos os exercícios da aula. Continuei não gostando, mas às vezes é bom fazer algo diferente*" (Aluno 15) é particularmente reveladora. Embora mantenha a declaração de não-preferência, introduz elementos novos: a participação integral e o reconhecimento do valor da experiência diversificada. Da mesma forma, quando a aluna 23 afirma "*apesar disso achei a aula interessante*", sinaliza uma dissociação entre o julgamento sobre o esporte em si e a avaliação da abordagem pedagógica.

Esses nuances sugerem que, quando o futebol é tratado como conteúdo educacional - com metodologia adequada e objetivos claros de aprendizagem - pode transcender as barreiras do gosto pessoal. O caso do aluno que brinca com seu próprio "*trauma da bola*" (Aluno 32) enquanto participa ativamente ilustra como um ambiente acolhedor e pedagogicamente estruturado pode transformar até mesmo as resistências em oportunidades de crescimento.

Esta análise revela que o desafio didático não está em superar o gosto pessoal, mas em criar condições para que ele não seja obstáculo intransponível à aprendizagem. A EF crítica mostra-se

assim como espaço privilegiado para questionar dicotomias simplistas entre "gostar" e "não gostar", propondo em seu lugar uma relação mais complexa e reflexiva com as práticas corporais. Isso se manifesta também quando olhamos para o próximo tópico a ser trazido à tona nas falas dos alunos: A descoberta de Novos Conhecimentos

Descoberta de Novos Conhecimentos

O trabalho pedagógico desenvolvido nas aulas buscou romper com a visão superficial do futebol, tão comum no consumo midiático do esporte. Ao diversificar os conteúdos – desde os aspectos técnicos e táticos até suas dimensões históricas e sociais –, pretendia-se que os alunos desenvolvessem uma compreensão mais apurada da complexidade inerente ao jogo. Os portfólios revelam que esse objetivo começou a se concretizar, como evidenciam as falas dos discentes ao descreverem suas experiências práticas.

A primeira camada dessa transformação perceptiva diz respeito à técnica. Muitos alunos chegaram às aulas com a ideia de que gestos como o domínio ou o passe eram movimentos simples, quase naturais. No entanto, ao serem colocados em situações-problema que exigiam a execução desses fundamentos em diferentes contextos, depararam-se com a real complexidade envolvida. *"O domínio da bola não é algo tão simples quanto parece"* (Aluno 31) – essa fala sintetiza a descoberta de que habilidades aparentemente básicas exigem coordenação, timing e adaptação às circunstâncias do jogo. Da mesma forma, a surpresa expressa em *"Eu não sabia que existia essa quantidade diferente de passes"* (Aluna 13) demonstra como a prática orientada pode revelar nuances que passam despercebidas no consumo passivo do esporte.

Essa desnaturalização do olhar estendeu-se também à compreensão da tática. Ao analisar as funções específicas de cada posição e as decisões tomadas em jogo, os alunos começaram a perceber o futebol como um sistema organizado, e não como um amontoado de ações aleatórias. A afirmação *"A defesa é o que garante que seu time não perca"* (Aluno 28) reflete uma percepção inicial – porém significativa – da importância da estrutura coletiva. Já o comentário *"Agora vou reparar nas posições quando assistir aos jogos"* (Aluna 24) indica que o aprendizado transcendeu o ambiente escolar, influenciando até mesmo a forma como os alunos consomem o esporte fora da escola.

O ápice desse processo talvez esteja capturado na fala *"Nem imaginava quanta coisa tem por trás do futebol"* (Aluna 24). Essa expressão vai ao cerne do objetivo central do trabalho: desvelar a complexidade oculta sob a aparente simplicidade do jogo, mostrando que cada passe, cada movimento tático e cada decisão em campo são frutos de uma construção cultural, histórica e técnica. Em uma

sociedade onde o futebol é frequentemente reduzido a espetáculo ou mero entretenimento, desenvolver essa capacidade de enxergar além do óbvio é um passo fundamental na formação de sujeitos críticos. Na sequência, analisaremos como as metodologias empregadas – desde os exercícios práticos até as discussões teóricas – foram percebidas pelos alunos, e de que maneira contribuíram para esse processo de transformação do olhar.

Metodologia e valorização das Habilidades

O processo de ensino-aprendizagem do futebol nas aulas foi marcado por dois pilares complementares que se revelaram fundamentais na construção de um olhar crítico por parte dos alunos: a progressão didática cuidadosamente estruturada e a valorização da diversidade de experiências dentro do jogo. Esses elementos não apenas facilitaram a compreensão técnica e tática do esporte, mas também ressignificaram a relação dos alunos com a prática futebolística.

A progressão didática, mencionada explicitamente em várias falas, mostrou-se essencial para desconstruir a ideia de que o futebol se resume a um "jogar por jogar". Quando alunos afirmam que *"o professor explicou as etapas para depois jogarmos"* (Aluno 17) ou que *"foi bom aprender as coisas básicas primeiro e depois jogar 'pra valer'"* (Aluna 22), estão reconhecendo o valor de uma abordagem que parte dos elementos constituintes do esporte para só então chegar à sua forma complexa. Essa metodologia, que pode parecer óbvia do ponto de vista pedagógico, contrasta com a forma como o futebol é normalmente vivenciado fora da escola - onde frequentemente se espera que os participantes já "saibam jogar" sem mediação alguma.

Paralelamente, a experimentação de diferentes funções e posições no jogo permitiu que os alunos percebessem o futebol como uma prática inclusiva, que pode acomodar diversas habilidades e perfis motores. A fala *"Descobri em que posição funciono melhor"* (Aluna 26) revela mais do que uma simples preferência pessoal; indica a compreensão de que o futebol é um sistema com múltiplas demandas e possibilidades de participação. Mesmo quando os alunos reconhecem suas limitações (*"a minha [habilidade] não é futebol"* - Aluna 10), há uma valorização da diversidade de papéis, o que pode abrir caminho para um engajamento mais significativo.

O lúdico emergiu como elemento-chave nesse processo. Brincadeiras tradicionais como o "bobinho" ou "piruzinho" - mencionadas com entusiasmo pelos alunos - mostraram-se não apenas ferramentas eficazes para o aprendizado técnico, mas também pontes entre a cultura esportiva formal e as experiências prévias dos estudantes. Quando uma aluna comenta que *"o piruzinho era meu jogo"*

favorito na infância" (Aluna 11), está sinalizando como a incorporação dessas brincadeiras às aulas pode criar um terreno afetivo favorável à aprendizagem.

Esses três elementos - progressão didática, diversificação de experiências e ludicidade - convergem para um mesmo objetivo: transformar o futebol de "esporte que se pratica" em "objeto que se pensa". Ao desvelar suas estruturas internas e múltiplas possibilidades de participação, as aulas abriram espaço para que mesmo os alunos inicialmente resistentes encontrassem formas de se conectar com a prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retorno ao ensino presencial após o período de Ensino Remoto Emergencial (ERE) representou um desafio complexo para a Educação Física Escolar, especialmente pelo caráter prático que caracteriza a disciplina. Nesse contexto, a experiência didática aqui relatada buscou superar uma contradição fundamental: como ensinar futebol - esporte amplamente difundido na cultura brasileira - a alunos que, paradoxalmente, demonstravam um conhecimento superficial sobre suas regras, técnicas e táticas básicas. Os portfólios dos alunos revelam que, apesar dos desafios, o trabalho desenvolvido produziu transformações significativas na forma como os discentes passaram a perceber e se relacionar com a prática futebolística.

Um dos resultados mais relevantes foi a gradual desnaturalização do olhar sobre o esporte. Os alunos, que inicialmente viam o futebol como uma atividade simples e intuitiva, passaram a reconhecer sua complexidade intrínseca. Comentários como "nem imaginava quanta coisa tem por trás do futebol" ou "o domínio da bola não é algo tão simples quanto parece" ilustram essa mudança de perspectiva, mostrando como a abordagem pedagógica conseguiu revelar as múltiplas camadas que compõem o jogo - desde os gestos técnicos aparentemente básicos até as decisões táticas que organizam o coletivo em campo. Essa nova compreensão foi sendo construída através de uma progressão didática cuidadosa, que partia dos elementos fundamentais para só então chegar às situações complexas de jogo, como atestam falas que destacam a importância de "aprender o básico primeiro" antes de jogar "pra valer". Esse movimento pode ser entendido como o que Törck (2010) postula como a necessidade da reeducação do olhar na sociedade contemporânea. Se os dias atuais são marcados pelo imperativo de consumir choques audiovisuais de forma cada vez mais rápida e fragmentada, criar possibilidades de educar o olhar para aprofundar nossas percepções sobre os bens culturais pode ser entendido como uma forma de resistência.

Paralelamente, a experimentação de diferentes posições e funções no jogo mostrou-se uma estratégia poderosa para inclusão e engajamento. Ao vivenciar papéis diversos - do goleiro ao atacante, do zagueiro ao volante -, os alunos puderam reconhecer que o futebol oferece espaço para múltiplos tipos de habilidades e perfis motores. Mesmo aqueles que se declaravam "negações em campo" encontraram formas de participar significativamente, seja através do humor que transformava dificuldades em momentos de descontração, seja pela descoberta inesperada de funções com as quais se identificavam. Esse processo de diversificação de experiências foi particularmente importante para desconstruir a ideia de que o futebol seria uma prática restrita aos naturalmente habilidosos, abrindo caminho para uma participação mais democrática e menos pautada por aptidões prévias.

O resgate de brincadeiras tradicionais como o bobinho e o piruzinho emergiu como outro eixo fundamental do trabalho. Mais do que simples atividades de aquecimento, essas brincadeiras se revelaram pontes afetivas e pedagógicas entre o universo lúdico já conhecido pelos alunos e o ensino formalizado do esporte. Quando os estudantes comentavam que "aprendemos nos divertindo" ou que o bobinho "era meu jogo favorito na infância", estavam sinalizando como essas práticas familiares facilitaram a imersão em conteúdos mais complexos, ao mesmo tempo que materializavam concretamente a relação histórica entre jogos populares e esportes institucionalizados. Nesse sentido, o resgate dessas práticas lúdicas e a sua inserção no portfólio dialogam com a crítica benjaminiana à perda da capacidade de narrar a experiência, propondo uma reapropriação das vivências do passado (memória) para a constituição de um conhecimento crítico no presente. (BENJAMIN,1985)

Os resultados dessa experiência sugerem que, mesmo diante das dificuldades impostas pelo contexto pós-ERE e das resistências iniciais de parte dos alunos, foi possível construir um caminho pedagógico que transformou o futebol de mero conteúdo curricular em objeto de reflexão crítica. A superação da dicotomia simplista entre "gostar" e "não gostar" do esporte - substituída por uma relação mais matizada e consciente - reforça o potencial da Educação Física como espaço privilegiado para questionar noções cristalizadas sobre práticas corporais. Mais do que ensinar a jogar futebol, esta proposta buscou ensinar a pensar o futebol, objetivo que, pelos registros dos alunos, começou a se concretizar.

Como perspectiva, essa experiência aponta para a necessidade de continuar refinando metodologias que articulem rigor pedagógico e acolhimento às diferenças individuais, especialmente no ensino de esportes coletivos. A sistematização de estratégias que capturem e potencializem essas transformações qualitativas no olhar dos estudantes permanece como um desafio instigante para futuras intervenções. O caminho traçado aqui - da desconstrução crítica à reconstrução participativa

- pode servir de inspiração não apenas para o ensino do futebol, mas para outras modalidades que igualmente carregam consigo estereótipos e visões reducionistas que merecem ser problematizadas no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A. S.; LASTÓRIA, Luiz A. C. N. (Orgs.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Vol. 1: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. 2 ed. Porto Alegre: Magister, 1999
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física** 1. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. [Tradução: Sebastião Uchoa Leite] Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1987.
- IFMG. **Projeto político pedagógico de curso**. Formiga, 2021. Disponível em (<https://www.formiga.ifmg.edu.br/documents/2021/DE/PPC/outubro/PPC-TECADM-2021-atualizado-set-2021-vrs-final.pdf>) Acesso em 24/6/2025 às 09:24 horas.
- LIBÂNEO, José Carlos. As Teorias Pedagógicas Modernas Revisitadas pelo Debate Contemporâneo na Educação. IN: LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko (Orgs.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. 3 ed. São Paulo: Editora Alínea. 2010
- MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Augusto. (2023). **Por uma leitura crítica de imagens: trabalhando os "futebóis" de forma remota**. Cadernos de Formação RBCE, , p. 18-30, Mar. 2023. Disponível em <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2614/1515> Acessado em 10/02/2026 às 7:09
- REZER, Ricardo. (Org.). **Os "futebóis" e a Educação Física escolar: pressupostos para uma pedagogia do esporte**. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2009.
- TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. [Tradução: Antonio Alvaro Soares Zuin et al]. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não ter havido conflito de interesses

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Silvan Menezes dos Santos

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 25/06/2025

Aprovado em: 19/12/2025